

A LÍNGUA DA “BOCA”: LINGUAGEM E IDENTIDADE EM *FALCÃO* *MENINOS DO TRÁFICO*

Fernanda Félix da Costa Batista

Universidade Estadual da Paraíba; fernanda_p1@hotmail.com

Roberta Tiburcio Barbosa

Universidade Estadual da Paraíba; robertatiburcio02@hotmail.com

Joseilma Pereira Barros

Universidade Estadual da Paraíba; josy_conan@hotmail.com

Resumo:

No contexto de produção literária atual a literatura periférica está ganhando espaços, dando voz aos sujeitos que muitas vezes foram excluídos socialmente, por questões de cor, gênero, classe social, etnia, etc. Nesta perspectiva, este artigo dialoga com a literatura e a Sociolinguística, investigando a significação das gírias em *Falcão: meninos do tráfico*, de MV Bill e Celso Athayde, para a constituição dos meninos como um grupo social. Problematizaremos as especificações de sexo/gênero e de classe social dentro do estudo das variações da Língua. Para tal, investigaremos como a linguagem se torna não apenas um instrumento significativo de comunicação/codificação entre os personagens, mas também um elemento constitutivo da ideologia, da subjetividade, e da singularidade desse grupo. Especialmente, o uso de gírias, nesse contexto, contribui para a identificação dos meninos traficantes como um grupo social, bem como, para a construção de uma estratégia de afirmação social e de subjetividade dos falcões. Destarte, defende-se uma discussão sobre essa narrativa e seus sentidos na sala de aula, para a compreensão dos vários significados presentes no signo linguístico e das formas como esse léxico influencia e é marcado pela identidade daqueles que o utilizam, tendo em vista que o estudo da literatura periférica, bem como a análise da linguagem utilizada por aqueles socialmente marginalizados, é uma forma de inclusão dos sujeitos que são excluídos da escola e da vida cotidiana. É preciso lembrar que a inserção dos grupos marginalizados dentro de uma instituição é uma das formas para diminuir o preconceito social e linguístico, mostrando aos alunos outro lado da realidade desses sujeitos que, na maioria das vezes é silenciada.

Palavras-chave: Literatura contemporânea, sociolinguística, gírias, traficantes.



Introdução

No cenário literário atual, deparamos com as vozes da periferia fazendo ecos e trazendo as dores e os sonhos de sua legião. *Falcão: meninos do tráfico*, escrito por MV Bill e Celso Athayde, é um dos exemplos dessa literatura contemporânea periférica.

Ao narrar a vida no submundo do tráfico, de jovens entre 10 e 17 anos de idade, a obra traz não só o contexto de garotos pobres que encontram no crime uma saída da miséria, ou melhor, a ilusão de melhoria de vida, mas apresenta a história dos meninos pelo ponto de vista dos marginalizados, uma vez que através do discurso direto, os falcões, como são chamados na obra os iniciantes do tráfico no mundo do crime, contam sua própria história e levam os leitores para dentro do seu universo.

A linguagem dos meninos é repleta de gírias, que fazem com que eles passem a fazer parte de um grupo seletivo, ou seja, criam um dialeto que só é compreendido/falado em seu meio social. Nesse grupo linguístico, não há distinções geográficas significativas, dessa maneira, independente da região, determinadas gírias são usadas da mesma forma e com a mesma finalidade.

Nota-se que as especificidades linguísticas usadas pelos falcões denotam a presença da variação diastrática, uma vez que se trata de uma variedade linguística que pertence a um determinado grupo, os traficantes, que os separa de outros sujeitos de diferentes conjuntos sociais. Entretanto, não se percebe em sua linguagem diferenças em relação a questões de sexo/gênero, situação financeira ou idade, embora a multidão de traficantes seja formada tanto por homens, como por mulheres de diferentes idades.

Nesse sentido, objetivamos investigar a significação linguística do uso de gírias realizado pelos falcões para a constituição desses meninos como um grupo social, bem como, problematizar as especificações de sexo/gênero e de classe social ao se estudar as variações da Língua.

Metodologia: Considerações sobre a Sociolinguística e variação diastrática

Este estudo caracteriza-se enquanto uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico para a análise empreendida, tomando como base para as considerações em torno da narrativa em estudo, as pesquisas sobre a Sociolinguística e o preconceito linguístico, sendo aquele o campo de estudo norteador das discussões basilares.

Os estudos que contemplam a relação entre linguagem e sociedade tem ganhado impulso desde a metade do século XX, com o crescimento da Sociolinguística. Entender essa relação é, antes de qualquer coisa, compreender os sujeitos envolvidos no processo de produção da linguagem e os contextos em que ela acontece.

Aprender estes estudos ao longo do tempo é uma maneira de entender a formação cultural do país e das classes sociais dela pertencentes. A Sociolinguística traz uma nova perspectiva para olhar os fenômenos linguísticos e a língua propriamente dita. As pesquisas feitas por Ferdinand de Saussure apresentam uma visão estruturalista e sistemática da língua, como algo pronto e acabado que não sofre interferências do mundo exterior (ALKIMIN, 2005). Anos depois, com o impacto dos estudos que fundamentam esta teoria, fatores exteriores a língua são levados em consideração.

É preciso deixar claro que, a ciência abordada não é, nem pretende ser, uma teoria da linguagem melhor que o estruturalismo ou outra corrente de estudos, na verdade, ela é como as demais o são, outra maneira de olhar para o objeto língua e linguagem, que complementa os estudos iniciados por Saussure.

Como forma de sistematizar seus estudos, os sociolinguístas criam parâmetros, pontos de partida para o pesquisador da área. Destacamos aqueles apontados por (ALKIMIN, 2005):

- A variação geográfica ou diatópica: referente às diferenças linguísticas que ocorrem no espaço físico;
- Variação social ou diastrática: referente às identidades dos falantes e sua inserção sócio cultural, alguns dos fatores relacionados a essa variação são: classe social, idade, sexo, situação ou contexto social; e
- As variações estilísticas ou registros: ao contexto em que ocorre a interação verbal, como estratégias para análise dos fenômenos que envolvem a variação.

Um fator que se apresenta quase intrínseco às variações linguísticas atualmente, seja diastrática ou diatópica, é o preconceito linguístico. Isso ocorre porque o falante é reconhecido por sua linguagem, é através das marcas deixadas por ela que é possível identificar o grau de escolaridade e o contexto sociocultural de seu usuário. Logo, o preconceito não é diretamente linguístico, mas principalmente social, como afirma Alkimin (2005),

Na realidade objetiva da vida, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais. Isto é, em todas as comunidades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores. Em outras palavras, como afirma Gnerre, “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e



sociais.”. Constata-se de modo muito evidente, a existência de *variedades de prestígio* e de *variedades não prestigiadas* nas sociedades em geral. (ALKIMIN, 2005, p. 39 – 40 *grifos do autor*).

Assim, o preconceito existe, mas não apenas em relação ao uso da língua, é uma questão política e social em que se julga o falante, uma vez que a linguagem reflete o que há por trás dele, seu contexto social e em alguns casos seu poder aquisitivo. A norma culta ou as variantes prestigiadas reforçam o preconceito, pois serve de modelo, o falar certo deve seguir os padrões impostos por ela, e quem fala conforme suas normas têm prestígio, quem não as segue é marginalizado pela sociedade.

Muitos estudiosos como Dino Pretti (2008) defendem que não há uma língua melhor que outra, mas são frequentes os preconceitos com determinadas formas de expressão, uma vez que é pela linguagem que nos expressamos, mas é também por elas que somos reconhecidos como grupos sociais. Desta feita, as contribuições da Sociolinguística para compreensão da sociedade através da linguagem mostram que o preconceito linguístico, não está relacionado simplesmente, a forma de expressão do indivíduo, julga-se na verdade o contexto social do falante, que é expresso pela linguagem.

Em termos gerais, a Sociolinguística apresenta-se como um misto de vários campos de estudo, em diálogo frequente com a Sociologia, buscando compreender o homem no meio em que está inserido, neste caso, os estudos abordados neste trabalho buscaram identificar a relação entre a linguagem e o contexto do usuário da língua, principalmente na formação e uso das gírias, por um determinado grupo de falantes.

Resultados: As gírias na construção identitária

As gírias são expressões linguísticas que não estão inseridas na gramática das línguas, porém, são criadas e utilizadas por falantes que estão inseridos e convivem em determinados grupos sociais, contribuindo para demarcar estes grupos, e assim, identidades, diferenciando-os dos demais. Apesar de os vocábulos não constituírem a gramática da língua, eles são criados para substituir expressões já existentes, por isso, eles tem sempre um sentido correspondente na língua de uso comum (PRETTI, 2008).

Estão inseridas em um tipo de variação linguística, chamada de diastrática, pois “relaciona-se a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a



organização sociocultural da comunidade de fala.” (ALCKMIN, 2005, p.35). Os aspectos que são elencados neste tipo de variação dizem respeito ao sexo, idade, classe social e situação ou contexto social. Em suma, o uso das gírias, encontra-se com maior notoriedade em grupos sociais e contextos de uso, que exibem mais elevados graus de informalidade em que elas também se diferenciam dependendo da idade do interlocutor, e do seu sexo.

Assim, a maioria das gírias constituem o repertório linguístico de grupos que tem menor prestígio social, pois eles utilizam em grande parte do tempo, se não em todo, uma linguagem com um grau de informalidade maior, e as gírias fazem parte desse contexto de linguagem informal, pois como já foi elencado, elas sequer se encontram contidas na gramática da língua. É lógico que não se encontrem mesmo, pois elas têm “prazo de validade” e caem em desuso ao longo do tempo, logo surgindo outras diversas. Apesar de terem esse “prazo de validade”, muitas delas saem desses grupos restritos e se incorporam ao uso de diversos grupos, como afirma Pretti (2000),

Muitos dos vocábulos gírios tornam-se conhecidos fora dos limites do grupo em que são gerados e acabam por incorporar-se à linguagem popular, particularmente ao vocabulário das classes mais populares ou dos grupos jovens, sempre dispostos a marcarem sua oposição à linguagem culta, dos adultos, em geral, ligada às classes mais altas. (PRETTI, 2000, p. 05)

Um dos meios disseminadores dessas gírias, no meio popular são os mais variados recursos midiáticos. Contudo, apesar de as gírias estarem ligadas culturalmente a uma linguagem vulgar, logo, associada às classes desvalorizadas, não se pode restringir e generalizar, pois mesmo em menor escala e disseminação popular, o uso e criação das gírias é também uma realidade de classes sociais mais elevadas.

Cada um destes grupos sociais utiliza determinados e particulares códigos linguísticos concebidos como gírias, como já foi dito e como eles, muitas vezes não são compreendidos, satisfatoriamente, por outros grupos o conhecimento do significado das gírias de determinado grupo social, faz-se primordial para haver um diálogo e, conseqüente, compreensão mútua. Desse modo, percebemos que para participarmos de determinados grupos devemos estar “enquadrados” neles, e um fator essencial para isso é o domínio da sua variação linguística, que inclui o uso das gírias.

Discussão: Surge um novo grupo: a língua dos falcões

Na literatura contemporânea o uso das gírias também é recorrente, pois ele, muitas vezes, faz parte da construção do estereótipo das personagens, dando ao texto o aspecto de realidade, uma

vez que se aproxima da oralidade, fazendo com que o leitor se aproxime dele, pois como afirma Pretti (2000, p. 7) “processa-se no texto uma ilusão de realidade”.

No livro *Falcão: meninos do tráfico*, as gírias são expressões constantes na linguagem dos personagens, denotando e representando um determinado grupo social, não toda a periferia, mas a linguagem de um grupo especial que faz parte dela, os traficantes/bandidos.

Nessa obra, em especial, não há uma “ilusão de realidade”, mas uma reconfiguração do real, uma vez que é baseada em entrevistas realizadas em comunidades periféricas de várias partes do país.

A semelhança entre a narrativa e o real é presente na obra de tal maneira que no capítulo intitulado “A vida imita a arte que imita a vida”, Celso Athayde relata uma brincadeira, chamada, pelas crianças que não eram traficantes na comunidade, de “boca de fumo”, em que meninos e meninas encenavam fidedignamente a vida no tráfico. Um componente essencial para a tênue relação entre realidade e ficção na obra é a fala utilizada por eles durante essa brincadeira, as gírias e demais expressões, dão um toque essencial de realismo, além da simulação das atitudes e gestos, os códigos verbalizados são definidores das personagens, reforçando assim o estereótipo por eles representado.

No final do livro há ainda um Glossário, para auxiliar e facilitar a leitura e, conseqüente, compreensão por parte do leitor, pois grande parte das expressões é própria desse grupo em especial, lá está contida a maior parte gírias faladas nas entrevistas e os seus significados.

Assim, nesse romance-reportagem os garotos que fazem parte do mundo do tráfico de drogas apresentam uma linguagem própria, uma espécie de dialeto com o qual se comunicam de maneira intrínseca, ou seja, o falar já lhes é interiorizado, todos eles compreendem a que o outro se refere ao usar determinada palavra.

Nesse sentido, as novas nomenclaturas para objetos conhecidos, pela população que não faz parte do seu convívio social, e mesmo os conceitos totalmente desconhecidos de quem não pertence ao grupo, fazem com que esses meninos se caracterizem, ou melhor, configurem sua subjetividade por meio da linguagem que lhes é particular, assim, como já indicam os autores no início da narrativa,

Esses jovens têm sua própria linguagem, têm suas próprias leis. Se realmente quer entendê-los, terá que fazer um esforço, tanto para compreender suas expressões gramaticais, quanto suas atitudes, e, para isso, cada um de nós tem que se despir do ódio que nutrimos e de todo medo que desenvolvemos a partir dele. (BILL; ATHAYDE, 2010, p. 10)



A linguagem dos meninos é um recurso de que se utilizam para expressar sua identidade, para adquirir visibilidade. Sua voz mostra, de maneira chocante/agressiva, a complexidade dos problemas sociais que enfrentam diariamente. Essas novas palavras que os jovens utilizam são denominadas gírias e assumem, no discurso, o papel de marcas do grupo social do qual fazem parte, assim, a variação diastrática se revela nesse contexto sob o crivo dessas gírias.

A função elementar do léxico na constituição identitária dos rapazes é perceptível no discurso por eles reproduzido, ajudando a torná-los um grupo com linguagem e conceitos próprios, a exemplo de “amigo”, que não se trata aqui de uma pessoa com a qual desenvolvemos uma relação de carinho, mas sim de pessoas que pertencem à mesma facção criminosa. “Se eu dormir, se tiver um amigo tipo de resposta, tipo que te considera, vai te tirar da boca. Mas se for um amigo tipo neurótico, se for um amigo neurótico, vai te meter a porrada” (*opcit*, p. 70)

A palavra “boca”, assim como a “amigo”, adquire um novo significado e passa a referir-se ao negócio que eles gerenciam, o tráfico de drogas. Além disso, as demais gírias utilizadas, como “tipo”, “resposta”, “porrada”, já presentes no falar popular da maior parte da população, corroboram para a solidificação do falar falcônico.

A casualidade com a qual os jovens do tráfico usam gírias, fez com que o dialeto que se utilizam se tornasse um fator de diferenciação deles para com os demais grupos, como uma forma de resistência ao apagamento de suas identidades, feito ao inseri-los entre os socialmente marginalizados,

Cara: Saio raramente. Mas com medo. Saio olhando pros lados, com medo dos home, com medo dos alemão, com medo de tudo.

Celso: Se os alemão te pegar, fazem o que contigo?

Cara: Me mata. É a mesma coisa de a gente pegar eles: a gente mata eles também. É tipo rival nosso e a gente é rival deles.

Celso: Pra quem tá de fora, quem é o certo?

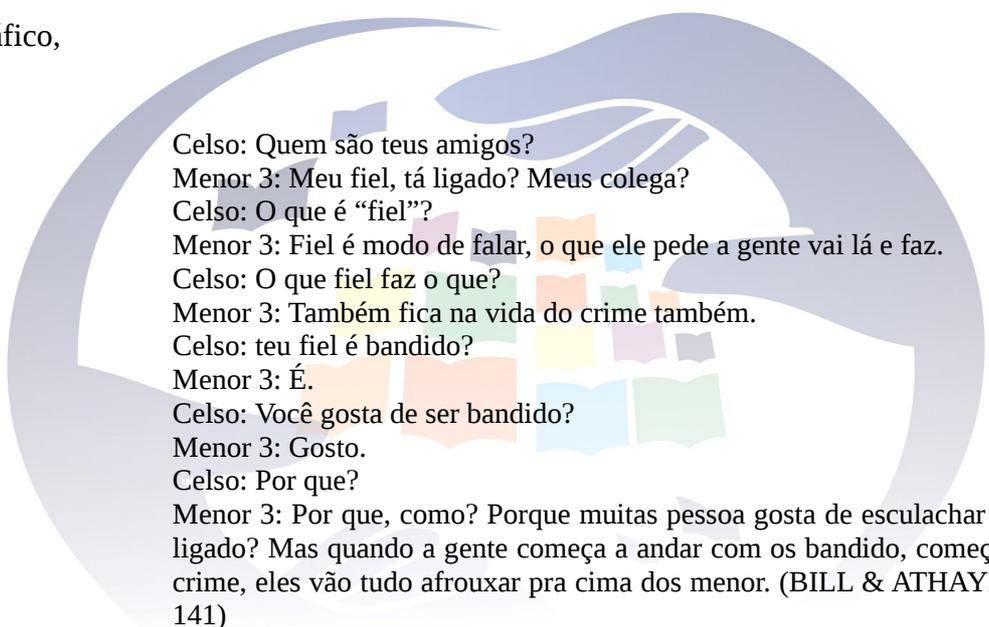
Cara: Porra, a gente é o certo, eles são errados. (BILL; ATHAYDE, 2010, p. 74)

A *gíria de grupo* utilizada denomina com tal precisão, para eles, a relação entre significante e significado, que parece bem mais próxima ou íntima que os termos usuais, ao ponto de os falcões estabelecerem, sem dificuldades, uma relação direta entre o conceito e o seu referente, como em “alemão”, que está tão bem conectado a denominação atribuída aos integrantes de outra facção, que nem se cogita a possibilidade daquele vocábulo se direcionar aos alemães verdadeiros (os que moram na Alemanha).



O falar próprio do grupo ao mesmo tempo em que os diferencia de outros sujeitos, também torna difícil que pessoas que não partilham do mesmo grupo social possam descobrir a que verdadeiramente eles se referem, por exemplo, em locais públicos assim não há dificuldades em executarem suas atividades normalmente, tendo em vista que apenas os que conhecem o código linguístico são capazes de compreender a mensagem transmitida pelos falçoes, a exemplo da cocaína, chamada de “pó”, do “bagulho” que é a maconha, e do próprio “falcão”, que é o garoto que vigia o local enquanto se vende as drogas.

Para os menores estar junto com os grandes traficantes é uma forma de mostrar poder perante a sociedade, ganhando voz e visibilidade social, as crianças chamam de “fiel” o bandido que é seu professor no mundo do crime, aquele com quem aprendem a vender drogas e que lhes inicia no tráfico,



Celso: Quem são teus amigos?
Menor 3: Meu fiel, tá ligado? Meus colega?
Celso: O que é “fiel”?
Menor 3: Fiel é modo de falar, o que ele pede a gente vai lá e faz.
Celso: O que fiel faz o que?
Menor 3: Também fica na vida do crime também.
Celso: teu fiel é bandido?
Menor 3: É.
Celso: Você gosta de ser bandido?
Menor 3: Gosto.
Celso: Por que?
Menor 3: Por que, como? Porque muitas pessoa gosta de esculachar os menor, tá ligado? Mas quando a gente começa a andar com os bandido, começa na vida do crime, eles vão tudo afrouxar pra cima dos menor. (BILL & ATHAYDE, 2010, p. 141)

A designação de fiel ao líder do grupo não é só uma forma escolhida arbitrariamente para essa função, mas demonstra a força do léxico na vida desse grupo, uma vez que os mais novos confiam e são protegidos por seus mentores no mundo do crime.

É importante observar que esses falares usados frequentemente nas “bocas de fumo”, lugares de compra, venda e uso de drogas, foi registrado de maneira predominante e frequente no vocabulário de jovens de diferentes regiões, uma vez que foram entrevistados sujeitos de várias partes do Brasil, não se observando, portanto, um fenômeno de variação geográfica e sim de cunho social.



Ademais, os grupos eram compostos tanto de homens quanto por mulheres, e todos faziam uso do mesmo repertório linguístico, não havendo, assim, uma variação por sexo, mas uma linguagem comum/familiar a todos.

As palavras assumem um papel muito importante na constituição identitária dos garotos, ao passo de eles fazerem questão de usar o discurso como forma de afirmação de sua subjetividade e de atuação social,

Celso: Então, você usa também cocaína?
Menor 2: Não, não cheiro não. Só fumo só.
Celso: Mas você é viciado?
Menor 2: Não. Sou usuário. (BILL & ATHAYDE, 2010, p. 140)

É nesse sentido, que defendemos que a linguagem desses personagens constitui uma variação social ou diastrática, tendo em vista as especificidades e peculiaridades presentes no dialeto falcônico.

Assim, ressaltamos a importância da linguagem para a constituição do sujeito, entendendo-o como um sujeito sócio histórico, que manifesta sua subjetividade através do signo linguístico. Os falcões, dessa maneira, adquirem visibilidade e afirmam a sua identidade tanto através de suas práticas sociais, quanto, e principalmente, por meio do vocabulário do qual fazem uso.

Conclusão

Falcão: meninos do tráfico estabelece relações diretas entre realidade e ficção e entre linguagem e sujeito social, uma vez que por meio do vocabulário os garotos traficantes revelam e (re)configuram sua identidade, ao mesmo tempo em que aproximam o leitor da realidade do mundo do crime.

No falar dos falcões é possível perceber o quanto o uso das gírias é importante para a constituição da identidade dos grupos sociais, revelando o modo como eles enxergam e são vistos pelo mundo. É na e pela linguagem que a subjetividade dos meninos do tráfico é expressa não só para as outras pessoas, mas também para os próprios falcões.

Essas crianças conhecem o mundo do crime primeiramente pela linguagem, desde o momento em que aprendem a brincar de “bandido”, até a hora em que se autodenominam “frentes da boca”, ou seja, grandes chefões da criminalidade.



Nesse sentido, através do estudo da obra em questão, nota-se a importância do signo linguístico não só na literatura, mas também na organização social, ao se observar os usos e sentidos (des)velados pelas palavras, as quais se tornam verdadeiras semiotizadoras das muitas identidades e potências dos sujeitos.

É por expressar essa realidade frequentemente silenciada que acreditamos ser *Falcão: meninos do tráfico* uma obra essencial à sala de aula, para o estudo da literatura em diálogo com a língua portuguesa e suas variações. Nessa perspectiva, o estudo da língua poder-se-á ser feito partindo do texto, como é indicado pelas pesquisas da Linguística textual, bem como poderá ser estabelecido um diálogo entre a sociologia e os estudos literários, buscando a compreensão daquele grupo social através de sua fala.

Referências

ALKMIN, T. *SocioLinguística*. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (orgs.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. 3. ed. Vol.1. São Paulo: Cortez, 2005, p. 21 - 46.

DALGASTAGNÈ, Regina. O lugar de fala. In: **Literatura brasileira contemporânea: um território conturbado**. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012, (p.18-47)

MV Bill; ATHAYDE, Celso. **Falcão: meninos do tráfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

PRETI, Dino. **Um pesquisador pioneiro, premiado e...coisa inédita nos meios acadêmicos...muito humilde**. Entrevista concedida a Renira Cirelli Appa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em 15 de março de 2005. Disponível em: <http://www.letramagna.com/dinoentre.htm>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

PRETTI, Dino. **O léxico na linguagem popular: a gíria**. Disponível em: http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/02-1_0.pdf Acesso em: 10 de maio 2016.